



Universidade Federal de Goiás
Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação
Coordenação do Ensino Médio

THAYS SANTOS SOUSA

BOITEMPO II: A MEMÓRIA POÉTICA EM CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

GOIÂNIA
2015



Universidade Federal de Goiás
Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação
Coordenação do Ensino Médio

THAYS SANTOS SOUSA

BOITEMPO II: A MEMÓRIA POÉTICA EM CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Artigo apresentado como requisito para aprovação do Trabalho de Conclusão de Curso de Ensino Médio do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, da Universidade Federal de Goiás.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Ilse Leone B. C. de Oliveira

GOIÂNIA

2015



**Universidade Federal de Goiás
Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação
Coordenação do Ensino Médio**

Certidão de Apresentação e Avaliação do Trabalho do Ensino Médio

Goiânia, 11 de dezembro de 2015.

Certifica-se que a aluna THAYS SANTOS SOUSA, matrícula 150094, série 3º Ano A do Ensino Médio, apresentou seu Trabalho de Conclusão de Curso: *BOITEMPO II: A MEMÓRIA POÉTICA EM CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE*, sendo este avaliado pelas docentes:

1. Prof^a. Dr^a. Ilse Leone B. C. de Oliveira (Orientadora)
2. Prof^a. Dr^a. Luzia Rodrigues da Silva
3. Prof^a. Dr^a. Maria de Fátima Cruvinel
4. Prof^a. Dr^a. Célia Sebastiana da Silva

Conferindo-lhe sua _____ com conceito final _____.

Assinatura dos membros da Banca Avaliadora.

Orientadora

Banca Avaliadora

Banca Avaliadora

I Apresentação

De acordo com o *Dicionário Aurélio Escolar* (BUARQUE, 2001, p. 241) da língua portuguesa, poesia é “A arte de compor ou escrever versos.” Mas a poesia está além de uma simples composição. A poesia é a interpretação que o próprio autor faz do mundo. É um elemento da subjetividade, em que o indivíduo se encontra na essência do seu ser, na revelação de seus sentimentos e opiniões. Na poesia, o espaço e o tempo são indeterminados, os sonhos e anseios ganham vida, os mudos ganham voz e os cegos, visão. Fazendo poesia, o poeta pode retomar lembranças passadas e oferecê-las ao leitor, compartilhando emoções e sensações, proporcionando o contato direto entre autor, leitor e experiências vividas.

A inscrição dessas lembranças no poema configura o que se pode chamar de memória poética. De acordo com o escritor tcheco Milan Kundera, em sua obra *A insustentável leveza do ser*, publicada em 1984, podemos chamar de memória poética o registro daquilo que nos encantou, o que nos comoveu, aquilo que traz beleza e sentido à vida, e que pode tanto estar presente na prosa como na poesia.

Parece que existe no cérebro uma zona específica, que poderíamos chamar *memória poética*, que registra o que nos encantou, o que nos comoveu, o que dá beleza à nossa vida. [...] O amor começa por uma metáfora. Ou melhor: o amor começa no momento em que uma mulher se inscreve com uma palavra em nossa memória poética (KUNDERA, 1984, p. 69).

Diria, então, que as lembranças produzidas e registradas de forma a suscitar mais profundas emoções e sensações, por meio de um trabalho cuidadoso com a linguagem, caracterizaria a memória poética: lembranças que nos sensibilizam e que queremos compartilhar com outros, para que também possam ser sensibilizados.

Carlos Drummond de Andrade, em alguns de seus poemas, constroi as memórias de sua infância, reproduzindo aquela realidade – a infância vivida há tempos – quase que de forma palpável. Se assim o poeta não o fizesse, ninguém poderia entrar em seu mundo da memória/imaginação e conhecer os registros de suas lembranças. Por vezes, o poeta parece comandar seu mundo de acordo com suas emoções, produzindo sua história na forma de

versos. Drummond foi um poeta, contista e cronista brasileiro, considerado por muitos o mais influente poeta brasileiro do século XX. Nasceu em Minas Gerais, numa cidade cuja memória viria a permear parte de sua obra, Itabira. Em seguida foi estudar em Belo Horizonte. Formado em farmácia pela Universidade Federal de Minas Gerais

Neste trabalho, me proponho investigar a inscrição da memória poética em alguns poemas do poeta de Itabira. Faço isso, observando a forma como se produz e se materializa a memória nesses poemas. Procuro, assim, ressaltar suas memórias de poeta. Com esse objetivo, selecionei os seguintes poemas do livro *Boitempo II* de Carlos Drummond de Andrade, publicado em sua 1ª edição no ano de 1973:

- Memória prévia – pg. 13
- Órion – pg. 28
- A montanha pulverizada – pg. 72
- Cheiro de couro – pg. 26-27
- O relógio – pg. 45

II Inscrição da memória poética em *Boitempo II*

A memória se faz presente em nosso meio constantemente. Em muitas circunstâncias, dependemos da memória. No exercício da memória, nos constituímos no que somos hoje, por meio da produção de lembranças do nosso passado, e projetamos o nosso futuro. Segundo Ecléa Bosí,

É do presente que parte o chamado ao qual a lembrança responde. (BOSI, 1987, p. 10)

Vejamos o poema “Órion”:

Órion

A primeira namorada, tão alta
Que o beijo não a alcançava,
O pescoço não a alcançava,
Nem mesmo a voz a alcançava.
Eram quilômetros de silêncio.

Luzia na janela do sobradão.

De seu presente de adulto, o eu lírico retoma a lembrança da paixão pela constelação Órion e a compara à primeira namorada. Quando Drummond refere-se à primeira namorada,

dá a entender que sua primeira paixão foi algo como deitar na grama e passar horas admirando uma constelação. Era como conversar com ela, sem que a voz a alcançasse. Por mais que ele dissesse algo a resposta não viria. Quando o eu lírico utiliza um distanciamento maior entre os primeiros e o último verso, para terminar com “Luzia na janela do sobradão”, ele conclui o poema, sugerindo que, como a primeira namorada, a amada Órion luzia distante e nem seu beijo, seu pescoço ou sua voz a alcançavam. Neste caso, podemos pensar na produção de memória, considerando que o eu lírico compara Órion à primeira namorada, à paixão adolescente, geralmente distante e inalcançável. É o poeta que, de seu presente de adulto, rememora em forma poética as emoções e sensações da adolescência.

No poema “A montanha pulverizada”, o poeta produz a memória da paisagem que cercou seus antepassados, que o cercou e que, agora, transforma-se em pó de ferro. Poeticamente, essa memória conta um pouco da história do assalto que se fez às terras que eram dos índios. Portanto, ao produzir essa memória, o poeta produz também parte de nossa história. Drummond reconstrói, nesse caso, a memória que partilha com seu grupo familiar e social. São lembranças que fazem parte de um acervo coletivo, em que a memória dos outros e a memória histórica auxiliam a memória do poeta. Afirma Halbwachs que esse tipo de reconstrução memorialística só se opera

a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como nos dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele que reciprocamente, o que só e possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade (HALBWACHS, 1990, p. 34).

No poema “A montanha pulverizada”, produz-se essa memória que, se tem algo de individual, tem muito mais de coletiva, por ser, poeticamente, um registro histórico.

A montanha pulverizada

Chego à sacada e vejo a minha serra,
A serra de meu pai e meu avô,
De todos os Andrades que passaram
E passarão, a serra que não passa.

Era coisa dos índios e a tomamos
Para enfeitar e presidir a vida
Neste vale soturno onde a riqueza
Maior é sua vista e contemplá-la.

De longe nos revela o perfil grave.
A cada volta de caminho aponta
Uma forma de ser, em ferro, eterna,
E sopra eternidade na fluência.

Esta manhã acordo e
Não a encontro. Britada em bilhões de
Lascas deslizando em correia transportadora
Entupindo 150 vagões
No trem-monstro de 5 locomotivas
- o trem maior do mundo, tomem nota -
Foge minha serra, vai
Deixando no meu corpo e na paisagem
Miseró pó de ferro e este não passa.

O poeta começa relatando a beleza natural da serra, dizendo que tantos de seus antepassados viram aquela paisagem. Lembra, depois, os índios, o que dá a ideia de que aquela serra já tivera outros donos, antes dos Andrades tomarem posse das terras para comandar a vida neste vale, agora, triste. A cada pedacinho de caminho que a memória do poeta percorre, vê-se a serra transformada em ferro. A serra natural acaba se transformando em nada. E, numa manhã de seu tempo presente, o poeta acorda e só restam bilhões de pedaços de ferro deslizando pelas correias, passando além da conta o necessário. Quando ele escreve “foge minha serra, vai deixando no meu corpo e na paisagem miseró pó de ferro e este não passa”, materializa-se a memória de que da serra ficara apenas a lembrança e a saudade. O mais era pó de ferro e uma saudade daquilo que não pode mais voltar.

Um poema especialmente singular, quando se trata de memória poética, é “Memória prévia”. Seria possível a memória do futuro? Cavalcanti afirma que

a poesia imaginativa e o mundo infantil estão intrinsecamente ligados, e a modernidade poética vai refletir, principalmente através da busca da evasão da vida cotidiana, esse modo de criação. O que está de pleno acordo com a poética de Carlos Drummond de Andrade, realizada em seus poemas memorialísticos, principalmente àqueles relacionados à infância. (CAVALCANTI, 2012, p. 225)

Em “Memória prévia”, é isso que se constata: a imaginação poética que rememora o menino produzindo sua memória do futuro:

Memória Prévia
O menino pensativo
Junto à água da Penha
Mira o futuro
Em que se refletirá na água da Penha
Este instante imaturo.

Seu olhar parado é pleno
De coisas que passam
Antes de passar
E ressuscitam
No tempo duplo da exumação.

O que ele vê

Vai existir na medida
Em que nada existe de tocável
E por isto se chama
Absoluto.

Viver é saudade
Prévia.

No poema citado, o eu lírico está refletindo acerca de um momento que ainda não viveu, algo que ele está tentando descobrir com olhos distantes, em um futuro incerto, está pensando e tentando ver com os olhos do pensamento como será este instante do futuro. Na segunda estrofe, o eu lírico faz uma relação entre duas palavras que, ainda que se aproximem semanticamente – se considerarmos que se referem a trazer à luz o que foi obscurecido pela morte – se afastam, por terem sentidos opostos. Tratam-se de “ressuscitar” e “exumar”. A primeira tem sentido de trazer à vida o que fora perdido, dar vida e continuidade àquele momento. Já a segunda significa desenterrar algo imutável que se passou, aquilo que só poderá ser lembrado, uma memória abstrata. O menino/Drummond se vê com o olhar parado para observar e analisar sua vida, o que está por vir. O que ele vê vai existir na medida em que tudo se torna imutável e nada será palpável. A vida é isso: uma saudade do que ainda não foi.

Cavalcanti (2012, p. 226) considera a possibilidade de pensarmos “que a memória no texto literário tem o papel de reelaborar o que foi vivido (ou imaginado) pelo poeta de modo que ela possa se realizar no poema. Sem essa reelaboração a memória simplesmente representaria o passado comum a qualquer pessoa.” No poema “Cheiro de couro”, instaura-se, pelo exercício da produção de memória, essa reelaboração do vivido:

Cheiro de couro

Em casa, na cidade,
Vivo o couro
A presença do couro
O couro dos arreios
Dos alforjes
Das botas
Das botinas amareladas
Dos únicos tapetes consentidos
Sobre o chão de tabuões que são sem dúvida
Formas inmemoriais de couro.

Vivo o cheiro do couro,
Bafo da oficina do seleiro
Suspenso no quarto de arreios.
Surpreendo, apalpo o cheiro futuro
Dos bois sacrificados

Olhando
A parada estrutura dos bois vivos.

Aspiro, adivinhando-o,
O cheiro do couro nonato
Da cria na barriga da vaca tirolesa
Que um dia será carneada.

O couro cheira há muitas gerações
A cidade cheira a couro
E um cheiro de família, colado aos nomes.

No poema citado, o eu lírico retoma à lembrança o cheiro do couro que traz à memória sua casa, sua cidade e de muitos ambientes de seu passado. Em cada parte havia um resquício de uma peça de couro, das atividades em que ele se empenhava. Essa presença o ajuda a reforçar a lembrança de sua amada terra. O poeta vê o couro como um elemento de ligação ao seu passado, quando ele vivia em meio a esse artefato, na oficina do celeiro, nos tapetes da casa, nas botinas que provavelmente se faziam muito presentes tanto na vida dele quanto na das pessoas ao seu redor. Também se encontrava nas selas usadas para cavalgar. O couro traz marcas para o eu lírico de coisas passadas, daquilo que por pouco não se perdeu na lembrança. E, novamente, o poeta mistura memória do passado e do futuro, assim que se põe a imaginar o cheiro do couro dos futuros animais que serão sacrificados. Outro marco particularmente interessante é como o poeta produz, inserida na memória do passado, a emoção do momento em que antevê um fato futuro: o nascimento do bezerro da vaca Tiroleza e a antecipação do cheiro desse “couro nonato”. Futuro em relação àquele passado produzido, pois do seu presente de escritor, tudo já é passado. Mas, nesse processo rememorativo, o couro cheira a gerações que passaram e que ainda passarão, as cidades têm cheiro de couro: um cheiro de família, de histórias, de passado e de futuro.

Um outro poema especificamente significativo em si tratando de memória poética em Drummond é “O relógio”. É o próprio marcador do tempo acompanhando o poeta no “longilongo” da vida. Cavalcanti (2012, p. 231) afirma que na

Poesia de Drummond encontramos uma série de situações que se referem repetidas vezes a lembranças da vida do poeta. Estas lembranças o acompanham e constituem a presença do ontem dentro do presente, é a própria memória pulsando em formas diversas.

O que acompanha o poeta, evidentemente, é a lembrança do relógio. Uma lembrança produzida por um som que se repete na memória:

O relógio

Nenhum igual àquele.
A hora no bolso do colete é furtiva,
a hora na parede da sala é calma,
a hora na incidência da luz é silenciosa.

Mas a hora no relógio da Matriz é grave
Como a consciência.

E repete. Repete.

Impossível dormir, se não a escuto.
Ficar acordado, sem sua batida.
Existir, se ela emudece.

Cada hora é fixada no ar, na alma,
Continua soando na surdez.
Onde não há mais ninguém, ela chega
E avisa
Varando o pedregal da noite.

Som para ser ouvido no longilonge
Do tempo da vida.
Imenso
No pulso
Este relógio vai comigo.

O som é marcante na memória, pois o relógio da Matriz ecoava por toda cidade, como uma sirene que anuncia o toque de recolher. O poeta lembra o grave som do relógio e sua admiração por esse objeto. Comparando-o com diferentes tipos de relógios, nenhum marca a hora com a gravidade daquele relógio da Matriz. Assim que se lê esse poema, sente-se que memória sonora das batidas desse relógio, preso à Matriz, mas que podem ser ouvidas a quilômetros, é que sustentam o pulsar da vida do poeta. É, como afirma Cavalcanti (2012), o ontem se fazendo dentro do presente.

III Considerações finais

Nesta investigação, pude perceber que em cada verso dos poemas selecionados configuram-se diferentes tipos de memórias que traduzem visões e percepções de um cotidiano. Também pude notar uma certa paixão do poeta pelo passado. Percebi, ainda, como se produzem memórias a partir de diferentes suportes: a lembrança de uma emoção adolescente, uma paisagem, um objeto, um som... Sempre algo que possibilita maior percepção dos mistérios presentes a cada verso, fazendo com que o leitor sinta com o poeta as emoções de lembrar. Portanto, nos poemas selecionados, a memória se inscreve como arte de produzir o passado poeticamente.

IV Referências

- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 2. Ed. São Paulo: T.A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.
- CAVALCANTI, Luciano Marcos Dias. Infância e memória em Carlos Drummond de Andrade. <<http://www.assis.unesp.br/Home/PosGraduacao/Letras/SEL/simposio-3---luciano-marcos-dias-cavalcanti.pdf>> p. 225. Acesso em 26 nov. de 2015.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Boitempo II**. Ed. Record: Rio de Janeiro, 1990.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Dicionário Escolar da Língua Portuguesa**. Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 2000.
- KUNDERA, Milan. **A insustentável leveza do ser**. Nova fronteira: Rio de Janeiro, 1984.